



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia
E-ISSN: 1983-3652
revista@textolivre.org
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

de Almeida Castillo label, Leila
RELAÇÕES DE ENSINÂNCIA E APRENDÊNCIA ATRAVÉS DO USO DAS TIC'S
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 4, núm. 1, enero-junio, 2011, pp. 16-23
Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163630003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

RELAÇÕES DE ENSINÂNCIA E APRENDÊNCIA ATRAVÉS DO USO DAS TIC'S

Leila de Almeida Castillo Iabel/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus Sertão*

RESUMO: O objetivo deste artigo é propor a discussão acerca da resistência de professores e professoras, educadores e educadoras ensinantes em relação ao uso das TIC's nos processos de *ensinância* e *aprendência*, dando a conhecer as facilidades que o uso das TIC's podem trazer para a dinâmica da sala de aula, rompendo a barreira existente entre professores(as) e alunos(as), facilitando, mediando, promovendo a inclusão digital, desmistificando certos conceitos preestabelecidos frente ao mundo digital que se apresenta com tanta velocidade e que educadores(as)/ensinantes não têm conseguido acompanhar.

PALAVRAS-CHAVE: TIC's na sala de aula. Inclusão digital.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es proponer una discusión acerca de la resistencia de los profesores y educadores en relación al uso de las TIC en los procesos de enseñanza y aprendizaje, dando a conocer las facilidades que el uso de las TIC pueden aportar a la dinámica de la clase, rompiendo la barrera entre el maestro y el alumno, para facilitar, mediar y promover la inclusión digital, la desmitificación de ciertos conceptos preestablecidos para ingresar en el mundo digital, que se presenta tan rápido y que a los educadores está difícil mantener el ritmo.

PALABRAS CLAVE: TIC's en la clase. Inclusión digital.

INTRODUÇÃO

Para falar em tecnologias na educação é preciso voltar no tempo para que a minha caminhada possa ser entendida... Afinal, não sou uma professora/educadora/ensinante multimídia, mas sou também uma aprendente multimídia. Desde 2005, quando estava nas aulas da pós-graduação em gestão e supervisão educacional, fui apresentada às TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação). Que bicho era esse? A surpresa maior foi saber que lápis, caneta, papel e mimeógrafo também são tecnologias da educação. Nas aulas no laboratório de informática, fui descobrindo a beleza, a utilidade e a comodidade de se poder trabalhar com mais qualidade, além de organizar melhor o tempo de envolvimento em minhas rotinas pedagógicas e em meu tempo de lazer.

Desde então, venho empenhando minhas forças a fim de mobilizar professores(as)/educadores(as)/ ensinantes a se apropriarem e se utilizarem das tecnologias de informação e comunicação para desenvolverem trabalhos nas escolas, de maneira a conquistem o interesse de alunos(as)/educandos(as) aprendentes para uma aprendizagem significativa.

Após a montagem do laboratório de informática na escola onde estive na direção por sete anos, foi disponibilizada ao grupo docente a oportunidade de formação na área da informática, cursos de diversos níveis, com tempos de duração, períodos, horários para atender às necessidades dos(as) que se mostraram interessados(as). Aos poucos, o grupo foi se motivando a ter seu próprio e-mail, a se comunicar por ele para, além das trocas pedagógicas, buscar o lazer que a web pode proporcionar, mas o essencial estava se construindo: a barreira do medo estava sendo superada! A inércia da acomodação estava sendo rompida! A Internet e o computador passavam a ser importantes veículos de comunicação e de apoio pedagógico.

Na monografia para conclusão da Pós-graduação em Gestão e Supervisão, utilizei os e-mails pedagógicos como instrumento de pesquisa, onde os colegas e as colegas escreviam sobre suas práticas à medida que o ano letivo se desenvolvia. Foram trocas muito especiais, entre poucos(as), pois nem todos(as) aderiram, mas era perceptível a verdade no que estava escrito e facilmente verificada no cotidiano escolar em relação aos alunos(as)/educandos(as) aprendentes. Após um estudo aprofundando acerca de termos ligados à prática pedagógica, ousei cunhar dois conceitos que dariam sentido diferente e mais adequado aos papéis de docentes e discentes no processo de aprendizagem escolar.

- ENSINANTE: nome dado ao profissional que, em situação de rotina escolar, estabelece uma relação de *aprendência* com os envolvidos. É o facilitador, mediador e, por vezes, provocador da construção do conhecimento. Constrói coletivamente as normas de bem viver para que essa construção de novos saberes se dê de forma significativa (IABEL, 2006).
- APRENDENTE: nome dado a quem, em situação de rotina escolar, busca coletiva e individualmente, a construção do conhecimento. Estabelece novas situações de aprendizagens, mesmo que essas tenham que ser provocadas, mediadas ou facilitadas (IABEL, 2006).

Ensinantes e Aprendentes: o gerúndio perfeito na busca coletiva da construção do conhecimento (IABEL, 2005).

Hoje, já na escrita de outro artigo sobre o tema, fiz algumas revisões e escrevi novamente os conceitos que antes entendia acabados:

- O(a) *ensinante* é aquele(a) que pode estabelecer relação de *aprendência*. É quem facilita, media, provoca a construção do conhecimento, possibilita que essa construção se dê de forma significativa.
- O(a) *aprendente* é aquele(a) que pode buscar individual e/ou coletivamente a construção do conhecimento, estabelecendo possibilidades de significância no apreendido.

Na docência ensinante, estão presentes a *ensinância* e a *aprendência*, na medida que o(a) profissional, ao reconhecer-se aprendente, vai ao encontro do(a) educando(a) aprendente que, por vezes, poderá ser ensinante.

A partir do entendimento de um tipo de prática pedagógica, de um *fazer ensinagem*, buscando construir aprendizagem de forma significativa, indo ao encontro da proposta político-pedagógica da escola, estabeleci, junto à equipe diretiva, o PFC (Programa de Formação Continuada), dando conta das necessidades emergentes dos processos educacionais, metodologias; atualizando o grupo de ensinantes; mantendo a unidade (não unanimidade); percebendo e acolhendo divergências, trazendo-as para o grupo e transformando-as em práticas pedagógicas significativas; construindo em cada encontro uma resposta teórica associada à prática do cotidiano escolar de cada colega professor(a)/educador(a) ensinante; entendendo como acontece a construção do conhecimento nas diversas fases do desenvolvimento humano; estudando sobre como estabelecer as habilidades e competências, como planejar e aplicar o planejado, como avaliar e registrar o que foi avaliado; lendo; discutindo; registrando...

Na escola onde fiz a coordenação pedagógica, na condição de supervisora, propus desenvolver esse trabalho, pois a direção apresentara a necessidade de fazer formação com seus/suas professores(as). Lá havia à disposição, para uso comum, além de computador no SSE (Serviço de Supervisão Educacional) e sala dos(as) professores(as), um laboratório de informática com 20 computadores. Rapidamente, adquiriu-se um projetor multimídia e, a partir daí, preparei a estratégia a fim de atender às necessidades pedagógicas, no que diz respeito à formação continuada e atualização, bem como auxiliar grupos de colegas a ter mais “intimidade” com a máquina chamada computador!

Propus que todos(as) tivessem o seu endereço eletrônico (e-mail), que, a partir daí, as comunicações da escola também fossem via e-mail, e que pudéssemos compartilhar nossas práticas pedagógicas de forma coletiva por meio de um site de armazenamento de dados.¹ Houve bastante resistência inicial, o que provocou em mim sérios questionamentos: O que está havendo? Não estou conseguindo me comunicar? Não estou atendendo às expectativas do grupo? Estou querendo demais? Estou sendo muito exigente?

Ousei mais uma vez e aventurei-me no uso das palavras para tentar me aproximar dos(as) colegas, ou descaracterizar, ou ainda desmitificar o significado de ser supervisor, criando a minha definição. E os lexicólogos que me perdoem:

Se *super* = Algo mais; especial;

Se *per* = Preposição. Tem a função de ligar dois termos;

Se *visor* = Que permite ou ajuda a ver; mostrador;

Então: *Supervisor* = pessoa que auxilia o professor/educador/ensinante a perceber algo a mais.

Nessa perspectiva, quebrando o “gelo”, esbocei um plano de ação, apresentei-o à Direção e fui à luta:

1) como convocar?

- 2) que horários seriam os melhores?
- 3) como adequar o calendário?
- 4) com que grupos trabalhar?
- 5) que temas deveriam ser abordados?

A partir da 1ª formação, dentro do laboratório de informática, foram estabelecidas as “regras de convivência” entre SSE e corpo docente, de maneira que os(as) colegas professores(as)/educadores(as) ensinantes foram apropriando-se da rotina combinada. Fomos construindo uma rede de relacionamentos na escola pelos e-mails trocados, pelo site de armazenamento, pelos bilhetes e informativos impressos e pela comunicação insubstituível na sala dos professores. Sempre contando com os conhecimentos de informática de vários colegas.

Projetos foram elaborados, colocados em prática, cursos divulgados, trocas de experiências de atividades em sala de aula, enfim, estamos fazendo acontecer. Não posso deixar de manifestar as contribuições da colega do SSE, na coordenação pedagógica. Ela sempre procurava deixar clara a sua visão desburocratizada da supervisão e facilitadora para o(a) professor(a). Eu, do mesmo modo, procurava mostrar a importância de dar novo significado às práticas pedagógicas, ao refletir sobre as mesmas, por meio da literatura disponível.

A cada nova postagem ou e-mail, imediatamente havia um retorno, de que dava certo, ou que não serviu, ou ainda de que estava sendo adaptado conforme a situação da turma. Assim se constituiu o Projeto Copa 2010, idealizado pela diretora e pela coordenação pedagógica, em que foram envolvidos todos os componentes curriculares. Cada turma, organizada pelos(as) seus/suas líderes, foi dividida em grupos, e cada um deles faria a pesquisa numa área do conhecimento, sendo a culminância um dia de integração entre as nações, pois cada turma ficou com um país participante da Copa. Foram dois meses de intensa mobilização. Aqui podemos sugerir outros eventos como feira das nações, olimpíadas etc.

Desde a primeira formação já se montou um curso de informática para os(as) professores(as) e funcionários(as) interessados(as), já houve inúmeras postagens e *downloads* no site usado para armazenamento dos dados e o *datashow* passou a ser utilizado semanalmente, com o aprendizado dos(as) colegas, apropriando-se cada vez mais dessa ferramenta tão útil em sala de aula.

Eu fiz tudo isso? Não, com certeza não! O que aconteceu na escola foi uma mudança de atitude frente ao uso das TIC's, a serviço do processo de construção do conhecimento. Partilhamos o conhecimento apreendido, como atalhos no teclado, sites educativos, textos úteis, artigos sobre temas polêmicos, entre outros.

E as reuniões? Essas acontecem em menor frequência que eu gostaria, mas acontecem e são de extrema importância para quem participa.

Quero disponibilizar aos leitores e às leitoras os textos que foram propostos para iniciar o trabalho. Não é fórmula mágica, mas lembretes e pequenos dicas que podem auxiliar a dinamizar a estrutura do SSE.

1 COMO ATINGIR O OBJETIVO NO PLANEJAMENTO? OU SEJA, COMO SER EFICAZ E EFICIENTE?

Em primeiro lugar precisamos nos conhecer. Conhecer a equipe de trabalho, quais suas habilidades e competências, para que, em conjunto, inicie-se o trabalho preparativo de planejamento. É necessário conhecer as turmas, os educandos e educandas que lá estão, e os que já estavam na escola, conforme Freire (1996). No encontro de educadores(as), é comum essa pequena troca de informações (aqui evitamos questões pessoais/comportamentais e nos fixamos nas questões de aprendizagem). Fala-se sobre, principalmente, habilidades, possibilidades, inteligências múltiplas. Pontuam-se as dificuldades em cada área do conhecimento e se elabora uma primeira estratégia de trabalho, ainda no coletivo de educadores(as), como um instrumento básico para os primeiros dias de aula.

A partir daí, após os contatos iniciais com a turma, vai sendo (re)desenhado, (re)escrito, (re)estruturado o instrumento básico. Estabelecem-se as tratativas do CONTRATO PEDAGÓGICO e posteriormente se (re)toma o encontro de educadores e educadoras para verificar o que foi preparado com os registros dos primeiros dias de aula. O tempo para essa segunda fase deve ser estabelecido pelo grupo, mas não pode ser com menos de 10 dias e não deve ultrapassar 20 dias.

Até aqui estamos tratando de uma proposta pedagógica para um grupo determinado, desempenhado por um grupo determinado. O que quero salientar é que cada escola, cada série e cada turma deverá elaborar a sua proposta pedagógica para desempenhar a metodologia no processo de *ensinância e aprendizagem*. Para Freinet, conforme assevera Elias (2001), o planejamento é individual, mas elaborado pelo coletivo. Cada criança tem seu próprio tempo; umas conseguem mais rapidamente apoderar-se de uma experiência e automatizá-la, e outras demoram mais, precisam de vários estímulos. O importante é o(a) educador(a) saber que todos(as) chegam lá, que tudo é questão de tempo, que é necessário fundamentar o trabalho da criança na pesquisa e ação próprias (fundamento da investigação científica). Não deve apressar, mas estimular o processo.

Para se colocar em prática um planejamento, há outras variáveis a considerar:

- Desenvolvimento cognitivo;
- Desenvolvimento afetivo;
- Desenvolvimento psicomotor.

São três tópicos conhecidos por todos que passaram por aulas de didática; porém, facilmente esquecidos e desconsiderados no dia a dia da rotina de planejamento.

Como aprender algo que não se tem condições de aprender? Como assim?

Pois bem, existem etapas no desenvolvimento cognitivo que precisam ser respeitadas e não necessariamente andam juntas com as etapas do desenvolvimento afetivo ou psicomotor, como reforça Wadsworth (2003), ao tratar da teoria de Piaget. Os três acontecem concomitantemente; porém, cada um no seu ritmo. Há que se compor uma escala da mais simples e primitiva exigência

cognitiva até a mais complexa:

Contar, ordenar, ler, escrever, classificar, organizar, criticizar, criar, construir etc.

Deve-se conhecer as fases do desenvolvimento cognitivo a fim de possibilitar desafios de acordo com as potencialidades dos “desafiados”. Para finalizar, embora sabendo que tudo que foi dito é pouco quando se fala de seres humanos, precisamos considerar sua cultura, suas vivências, experiências, valores e muito mais.

De que lugar falamos? De quem falamos?

- De uma escola que tem tido situações adversas, situações positivas, planejadas, improvisadas, enfim, nada diferente do dia a dia de qualquer um de nós.
- Entretanto, por ser uma escola, exige-se mais. Exige-se de quem a dirige, de quem nela trabalha, de quem nela estuda.
- É uma escola que tem contrários e favoráveis, que dá liberdade a todas as manifestações?

Deve-se considerar como META CENTRAL:

- Fazer valer a LDB; ECA; Regimento da Escola e Projeto Político Pedagógico (PPP).

METAS ESPECÍFICAS:

- Trazer à discussão e efetivar a atualização do PPP e, por consequência, do Regimento.

ESTRATÉGIAS E PROPOSIÇÕES:

- Proporcionar a partilha das práticas pedagógicas realizadas pelos(as) educadores(as) e refletir sobre elas através de referenciais teóricos. Seguir orientações básicas, como:
 - 1) o calendário da escola deve prever espaço semanal para reuniões pedagógicas sistemáticas de professores para garantir a discussão, a reflexão e os momentos de estudo participativos, viabilizando, assim, a construção, o aperfeiçoamento e a execução coletiva da proposta pedagógica da escola;
 - 2) as reuniões pedagógicas terão caráter de formação continuada quando se constituírem em sessões de estudos, palestras, debates pedagógicos, estudos de caso, entre outros semelhantes, desde que previamente planejadas pela escola;
 - 3) a pauta das reuniões pedagógicas deve ser enviada à mantenedora, em complementação ao calendário, a cada bimestre ou trimestre;
 - 4) a organização do horário escolar deve respeitar o calendário anual e o regime de trabalho semanal dos docentes, distribuindo as horas-aula dos componentes do currículo por área ou disciplina nos cinco dias da semana e nos sábados letivos homologados pela mantenedora.

Conhecer e fazer parte da elaboração dos Documentos da Escola:

- 1) Projeto Político Pedagógico: o PPP é carta de intenções da escola, seus sonhos, aspirações, ideologias, parte da contextualização atual para propor o ideal.
- 2) Regimento Escolar: é o regrador do PPP.
- 3) Plano Global: é o plano que coloca em prática a ideia do PPP, que sistematizará toda a dinâmica de funcionamento da escola em conformidade com o Regimento.
- 4) Plano de Curso: nele estão estabelecidas todas as aspirações pretendidas à série e a cada componente curricular. Não podem elas estar desvinculadas dos PCN's, do que preconiza a legislação e a proposta do governo vigente.
- 5) Planos de Estudos: neste documento deve constar:
 - a) a caracterização da série;
 - b) a caracterização do componente curricular;
 - c) a transversalidade (de que forma será trabalhada?), os temas que serão abordados e de que forma;
 - d) as competências pretendidas, estabelecendo-se o mínimo pretendido por série, dentro das características da sua escola;
 - e) este trabalho deverá ser feito em grupo, por Componente curricular, em todos os níveis de ensino que a escola oferecer.
- 6) Plano de Unidade: é o planejamento feito pelo trimestre, mês ou até semana. A unidade é um tempo a ser estabelecido pelo plano de curso e/ou por meio das reuniões pedagógicas.
- 7) Plano de Trabalho do Professor: por vezes, pode ser substituído pelo Plano de Unidade, mas não é uma regra. O importante é que esteja sempre em consonância com o grupo de educandos que se vai atender. Pode haver um Plano de Unidade para diversas turmas da mesma série, mas haverá um plano de trabalho para cada turma.
- 8) Plano de Aula: é o “diário de bordo”, o livro da vida, como preconiza Freinet, conforme Elias, 2001. Além de conter o planejamento para aquela aula específica, após ou em tempo real, deverá ser registrado o que ocorreu, dificuldades, facilidades, coisas não previstas que aconteceram, manifestações diversas, enfim...tudo!

Acomodar, incomodar, desacomodar, ..., mudar, ..., Ressignificar! (IABEL, 2005).

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que há muito a escola vem perdendo o seu posto de única responsável pela formação do cidadão. Delors (2004) traz essa preocupação ao falar da educação para o século XXI.

Faz-se necessário identificar quem mais participa desse processo e fazer a integração entre eles, sob pena de a escola perder, cada vez mais, o seu espaço.

Não apresento a “invenção da roda”, não trouxe nada de que não se soubesse anteriormente.

Ao contrário, temos aqui a novidade das possibilidades, do quanto se pode alcançar do(a) colega, dos(as) alunos(as)/educandos(as)/aprendentes. O pano de fundo das reuniões pedagógicas está exposto por meio do conteúdo dos textos disponibilizados no site, pelos e-mails. Utilizar as TIC's foi uma das formas que encontrei para tornar mais atrativa a nossa formação continuada e instrumentalizar os(as) professores(as)/educadores(as) ensinantes para também utilizarem tais ferramentas em suas aulas, aproveitando principalmente o conhecimento de nossos(as) alunos(as)/educandos(as) aprendentes, que, em matéria de uso de tecnologias, muitas vezes se tornam nossos(as) ensinantes.

Na in-dign-ação, o homem ... (Sai. Se desacomoda. Tem vontade. Age) ... Busca de volta sua dignidade. (LABEL, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 9.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2004.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 24.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- IABEL, Leila de A. Castillo. *Ensinnância e Aprendizência*. Seminário de Monografias, curso de pós-graduação em Gestão e Supervisão Educacional, FACOS/RS: Osório, 2005.
- IABEL, Leila de A. Castillo. *Ensinnando e Aprendizendo: “gerundiando” na busca coletiva da construção do conhecimento*. Espaço Inovação - Revista Pedagógica - Ano 3 – nº 5, dezembro, 2006/disponível em: <http://www.assers.org.br>
- WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 5.ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

i Como o 4shared: <<http://www.4shared.com>>.